

**LITERATURA E GEOGRAFIA:** Relato de experiência, reflexão teórico-metodológica, aproximação entre arte e ciência

**LITERATURE AND GEOGRAPHY:** An experience report, theoretical and methodological thought, and an approximation between art and science

**LITTERATURE ET GEOGRAPHIE:** Recit d'expérience, réflexion théorico-méthodologique, rapprochement entre l'art et la science

## RESUMO

Artigo que objetiva, numa perspectiva interdisciplinar, o diálogo entre a Literatura e a Geografia, entre arte e ciência, partindo inicialmente de um relato de experiência de uma profissional de Letras em interlocução com a vertente humanista da Geografia. Para tanto, apresentam-se os exercícios de reflexão teórico-metodológica que possibilitaram a inserção nesse campo interdisciplinar de conhecimento. A fundamentação teórica se sustenta no aporte epistemológico da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, sobretudo em Tuan (2012; 2013), Relph (2012) e Dardel (2011), bem como nos estudos poéticos sobre o espaço a partir de Bachelard (2013) e na leitura da condição exílica em Said (2003) e Ilie (1980). Paralelamente, revelam-se de suma importância as contribuições de Halbwachs (2006) para a análise do fenômeno da memória na sua estreita relação com o espaço, além de outros fenômenos como a religiosidade em Rosendahl (2012) e a velhice em Beauvoir (1990).

**Palavras-chave:** Literatura; Geografia; Interdisciplinaridade; Experiência.

## ABSTRACT

This article aims at establishing a dialog between Literature and Geography, art and science, in an interdisciplinary perspective, starting from an experience report from a Letters professional in communication with the humanistic front of Geography. For such, the exercises of theoretical and methodological thought that enabled the insertion in this interdisciplinary knowledge field are presented. Theoretical fundamentals are supported in the epistemological input of Cultural Humanistic Geography of phenomenological basis, especially in Tuan (2012; 2013), Relph (2012), and Dardel (2011), as well as the poetic studies on space from Bachelard (2013) and the readings of the exile condition in Said (2003) and Ilie (1980). In parallel, Halbwachs (2006) contributions are revealed to be of utmost importance for analyzing the memory phenomenon in its strict relationship with space, besides other phenomena such as religiosity in Rosendahl (2012) and senescence in Beauvoir (1990).

**Keywords:** Literature; Geography; Interdisciplinary; Experience.

## RÉSUMÉ

Cet article vise, à partir d'une perspective interdisciplinaire, au dialogue entre la Géographie et la Littérature, entre l'art et la science. On part d'abord d'un récit d'expérience d'une professeure de Lettres qui travaille avec la perspective humaniste de la Géographie. Pour cela, on présente les exercices de réflexion théorique-méthodologique qui ont permis son insertion dans ce champs interdisciplinaire de la pensée. Le fondement théorique se base sur la contribution de la Géographie Humaniste Culturelle, basée sur la Phénoménologie, surtout chez Tuan (2012; 2013) et chez Dardel (2011), ainsi que les études poétiques sur l'espace chez Bachelard (2013) et la lecture de la condition d'exil chez Said (2003) et chez Ilie (1980). Parallèlement, les contributions de Halbwachs (2006) se révèlent très importantes pour l'analyse du phénomène de la mémoire et son rapport étroit avec l'espace, au-delà d'autres phénomènes comme la religiosité chez Rosendahl (2012) et la vieillesse chez Beauvoir (1990).

**Mots-Clés:** Littérature; Géographie; Interdisciplinarité; Expérience.

## Relato de experiência

“A viagem começa numa biblioteca. Ou numa livraria. Misteriosamente, ela tem lugar ali, na claridade de razões antes escondidas no corpo. No começo do nomadismo, encontramos assim o sedentarismo das prateleiras e das salas de leitura, ou mesmo do domicílio onde se acumulam os livros, os atlas, os romances, os poemas, todas aquelas obras que, de perto ou de longe, contribuem para a formulação, a realização, a concretização de uma escolha do destino.”

Michel Onfray

O horizonte humanista da Geografia conquistou-me graças à percepção arguta e sagaz da Profa. Livia de Oliveira assim que adentrou a minha biblioteca e lançou seu olhar apaixonado para os meus livros de Literatura. Vislumbrou com espanto as prateleiras repletas da poesia portuguesa, dos contos de Eça e de Machado, dos romances estrangeiros, do nosso “Grande sertão: veredas”. Disse-me mais ou menos assim: “- Por que você não trabalha a literatura a partir da geografia? Você conhece Yi-Fu Tuan? Já leu algum livro dele?”

Tendo sido minha hóspede durante a realização do IV Simpósio Nacional de Geomorfologia, ocorrido em São Luís, em 2002, visto ter sido meu marido geógrafo o organizador, Livia de Oliveira me relatou o quanto a Geografia ressentia, até aquele momento, de profissionais de Letras que nortegassem suas pesquisas sob o viés da Geografia Humanista ou que se propusessem a preencher as lacunas de tal interface. Diante da minha sensível curiosidade, apresentou-me as obras de Yi-Fu Tuan por ela traduzidas. Li, assim, com grande prazer, “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” e “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência”, apesar das páginas frágeis das edições antigas de 1980 e 1983, respectivamente.

Sentindo-me mais segura e ainda mais curiosa com essa nova possibilidade de reflexão crítica, passei a pesquisar material bibliográfico referente à abordagem da categoria espaço na teoria literária, dado o seu papel fundamental na estrutura da narrativa. Qual não foi minha surpresa ao ter constatado a parca produção da crítica literária acerca do espaço na literatura, considerado um elemento “menor” se comparado às categorias “tempo”, “personagem” e “foco narrativo”. Antônio Dimas, professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e crítico literário, em “Espaço e romance”, assim se posiciona sobre essa situação: “no quadro da sofisticação crítica a que chegaram os estudos sobre o romance, é fácil perceber que alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do *espaço* ainda não encontrou receptividade sistemática”. (Dimas, 1985, p. 6, destaques no original).

Mais longe da década de 80 do século XX, Luís Brandão publica, em 2013, “Teorias do espaço literário”, fruto de suas pesquisas desenvolvidas com o auxílio de bolsa de produtividade do CNPq, onde enfatiza a análise metafórica do espaço pelo Estruturalismo que influenciou a maioria dos estudos do século XX, com repercussão no século XXI. O espaço, portanto,

passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica. Simultaneamente à ampliação do escopo, e coerentemente com a tendência não mimética baseada na concepção autotélica de linguagem, passa-se a falar, de maneira bastante genérica, e usualmente metafórica, em “espaço da linguagem”. (Brandão, 2013, p. 25).

Insatisfeita com o pouco avanço dos estudos concernentes a essa categoria no âmbito da teoria literária, haja vista o caráter metafórico que adquiriu nos últimos anos, concebida mais como “modelo de leitura” do que como fenômeno cultural, empreendi meus esforços em abrir uma vereda neste sertão árido das pesquisas entre a Literatura e a Geografia, dando início, portanto, a trabalhos que se propusessem a promover esse diálogo interdisciplinar.

Adotei, após a leitura maciça da trajetória histórica acerca da Geografia Humanista e de seus principais idealizadores, a inclusão da “cultura” em minhas análises, na medida em

que a Literatura se insere no universo da cultura e do mundo vivido. Graças à fundação do Grupo de Pesquisa em Geografia Humanista Cultural (GHUM), em 2008, pela querida Livia de Oliveira e pelo arquiteto quase geógrafo Werther Holzer, foi possível dar voz ao entorno do espaço vivido por meio de aspectos como a afetividade, o sentimento de pertença, a intersubjetividade, a imaginação e a memória que, juntos, abraçam a literatura pela sua linguagem simbólica, polifônica e plurissignificativa.

Nasceu, deste modo, no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, em 2006, durante o Grupo de Trabalho (GT) que procurava articular o diálogo entre espaço e literatura, a minha primeira tentativa arrojada de apresentar uma comunicação que estabelecesse a leitura indisciplinar da literatura com alguns conceitos basilares da Geografia Humanista Cultural, tais como: espaço, lugar e topofilia. A leitura foi audaciosa: “África, Brasil e Portugal: a teoria da percepção da paisagem na representação literária”. É claro que o tempo disponível para a apresentação não conseguiu dar conta de tamanha abrangência, visto que a proposta foi analisar três romances: um de Moçambique, um do Brasil e um de Portugal. Porém o mais importante foram as impressões causadas nos organizadores do GT, Profs. Sílvio Jorge e Ida Alves, do Departamento de Letras da Universidade Federal Fluminense, que logo me inseriram na ampla discussão que estava sendo travada durante todo o GT.

Dessa minha aventura derivou a aproximação que até hoje se mantém com a Profa. Ida Alves com quem tenho partilhado frutíferos trabalhos: desde a criação de um simpósio sobre Literatura e Paisagem no XI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado na Universidade de São Paulo, em 2008, passando pela organização do livro “Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos”, em 2010; a criação do Grupo de Pesquisa em “Estudos da Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa” e do site correspondente até a participação, já em 2018, na Equipe de Colaboradores do Projeto “Páginas luso-brasileiras em movimento” – uma plataforma digital que reúne textos literários brasileiros e portugueses na sua relação estreita com a paisagem enquanto eixo temático principal.

Desse meu relato inicial de experiência importa considerar o que dele advém: as reflexões teórico-metodológicas que possibilitaram minha maior inserção nesse campo interdisciplinar de conhecimento. É o que veremos a seguir.

## Reflexão teórico-metodológica

“Dizer que a paisagem literária representa a natureza será certamente verdade, no contexto, se compreendermos que a natureza é, como sempre foi, um acontecimento humano, um acontecimento perante a consciência do humano. Neste sentido, as paisagens literais ou metafóricas representadas dão conta de diversíssimas formas de o humano se autoperceber. É na literatura que tal também acontece.”

Helena Carvalhão Buescu

Desde os primeiros ensaios construídos com o propósito de configurar projetos de pesquisa que nortegassem a interface Literatura e Geografia, as arestas foram dirimidas lentamente, tendo em vista a pouca aceitação em meu próprio Departamento de trabalhos interdisciplinares que fugissem do já consagrado, como a ponte com a filosofia, com a história e com a arte de forma geral. A conclusão a que muitos de meus colegas chegavam era que essa minha “tendência” de estudo se devia ao fato de meu marido ser geógrafo e que, portanto, eu estava sendo influenciada diretamente por ele. Por mais que eu argumentasse que a área de estudo de meu marido era a Geografia Física, isso não foi suficiente.

Penso que o divisor de águas foi a organização, em 2010, do livro “Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos”, em conjunto com a Profa. Ida Alves, haja vista a formação em Letras da referida professora. Daí em diante, a Geografia penetrou com mais clareza e determinação no curso de Letras, ainda que sob olhares suspeitos de alguns linguistas.

O primeiro projeto de pesquisa que submeti ao CNPq para fins de bolsa PIBIC ocorreu em 2006 que se estendeu até 2008, quando me propus ao estudo de romances de língua portuguesa à luz da teoria da percepção da paisagem, sustentada por Tuan tanto em “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, quanto em “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência”. Dessa minha primeira investida epistemológica, poucas foram as contribuições da Geografia Humanista Cultural quando da análise de obras como “Cais da sagração” (1971), de Josué Montello; “O tempo e o vento – O Continente” (1949), de Erico Veríssimo; “Seara de vento” (1958), de Manuel da Fonseca e “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra” (2002), de Mia Couto, isso porque a ênfase se deu sobre a interpretação literária das obras, em que pese a leitura simbólica e metafórica dos elementos espaciais presentes nas narrativas escolhidas. A investigação geográfica pelo viés fenomenológico tangenciou a análise literária, sem ter adquirido a propriedade necessária para o diálogo interdisciplinar *in extenso*.

Para os anos 2008-2009, outro projeto de pesquisa elaborei com o intuito de pleitear novos bolsistas de graduação para a Iniciação Científica. Minha intenção era formar pesquisadores na graduação em Letras que pudessem lançar um outro olhar para a Geografia e daí se sentissem seguros para o avanço nos estudos, como a aprovação no mais recente Mestrado das Ciências Humanas e Sociais – o PGCult (Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade), do qual fui uma das primeiras docentes do quadro permanente. Pertencer a um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar fez toda a diferença para a consolidação de minhas pesquisas em torno da Literatura e Geografia.

Esse projeto, portanto, versou não mais sobre o romance de língua portuguesa, mas sobre um gênero menor: o conto, dando seguimento ao estudo da teoria da percepção da paisagem na produção de Lygia Fagundes Telles e José Saramago. Dessa investigação nasceram duas monografias de conclusão de curso e uma publicação na Revista “Caderno de Pesquisas” da Universidade Federal do Maranhão. Consistiu num bom exercício de reflexão teórico-metodológica, na medida em que foi possível perceber mais claramente, quando da análise dos contos, o papel fundamental do espaço na configuração dos personagens, a exemplo do conto “Venha ver o pôr-do-sol”, do livro “Antes do baile verde” (1970), de Lygia Fagundes Telles, onde o espaço interfere diretamente no comportamento e nas decisões do personagem Ricardo que impele a ex-namorada para um cemitério abandonado e lá, após uma série de subterfúgios, a aprisiona em um dos jazigos e dela se despede, satisfazendo a vingança de ter sido substituído por outro namorado, rico e promissor.

Graças ao campo teórico da Geografia Humanista Cultural, a análise do conto convergiu para uma reflexão crítica acerca da relação afetiva que o indivíduo nutre pelo meio ambiente natural, a chamada “topofilia”, cunhada por Bachelard em “A poética do espaço”, de 1957, e depois aprimorada por Tuan no seu “Topofilia”. Nossa atenção recaiu para o que Tuan sustenta mais adiante ao se referir à topofilia como não sendo a emoção mais forte. “Quando é irresistível”, continua o geógrafo, “podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”. (Tuan, 2012, p. 136). De forma paradoxal, para Ricardo, o cemitério representa o símbolo da nova vida que ansiava possuir, o que o motivou a abandonar Raquel, para quem o cemitério significa o apagamento da existência e o abandono ao silêncio eterno. Relações topofílicas e topofóbicas, em síntese.

Sentindo-me mais segura e confiante no que concerne às pesquisas interdisciplinares a envolverem a Literatura e a Geografia, aventurei-me pela poesia num novo projeto, submetido ao CNPq no biênio 2009-2011, quando fui contemplada com duas bolsas e duas graduandas maravilhosas que me deram bons e saborosos frutos. Embora eu tenha cursado o Doutorado em Literatura Portuguesa sobre a poesia heteronímica de Fernando Pessoa, o aporte teórico do projeto era totalmente outro, direcionado para os princípios metodológicos da Geografia Humanista Cultural, cuja base na Fenomenologia começamos a explorar, sobretudo na poesia do Fernando Pessoa ortônimo, autor escolhido por uma das bolsistas para a sua monografia de conclusão de curso. O aprofundamento foi sistemático, tanto

que Amanda Pereira, a outra bolsista, conseguiu ser contemplada com o segundo lugar no Seminário de Iniciação Científica (SEMIC), o que muito favoreceu a divulgação do projeto e, especialmente, da proposta metodológica de abordagem da Literatura.

Um dos aportes teóricos mais importantes desse projeto de pesquisa foi considerar a importância da fenomenologia para a Geografia Humanista Cultural a partir de Edward Relph que se inspirou em Eric Dardel e na sua esquecida e menosprezada contribuição: “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, de 1952, finalmente traduzida por Werther Holzer para o português e à qual tivemos acesso assim que foi publicada pela Editora Perspectiva em 2011.

De modo marcante, a monografia de uma das bolsistas, Renata Ribeiro Lima, intitulada “O *Cancioneiro* de Fernando Pessoa: uma leitura dos elementos água e ar à luz da teoria da percepção do espaço”, desafiou os estudos até então realizados da poesia pessoana ao tentar evidenciar a presença da geografia imaginária em versos do poeta na identificação dos principais temas que compõem seu universo simbólico: a água e o ar. Dentre as questões suscitadas no que concerne ao emprego da paisagem pelos poetas enquanto recurso para a construção de imagens poéticas, Renata destaca:

Por que isto ocorre? De que forma se dá a percepção que o homem tem do espaço? Quais os significados das paisagens que mais marcam os homens? Serão esses significados estáveis e únicos? Ou serão variáveis e múltiplos, até mesmo para uma mesma consciência? Terá a cultura influência sobre essas representações? (Lima, 2012, p. 09)

Quando da análise dos poemas, foi possível verificar a leitura fenomenológica sob a lente de Dardel, o que aproximou ainda mais a Literatura da perspectiva humanista da Geografia. Em tal passagem, após a exibição do poema “O andaime”, de Pessoa ele-mesmo, Renata argumenta:

[...] neste poema se expressa a ligação entre o estado de alma do eu-lírico (melancólico, desiludido, pensando sobre o fluir vão da vida) e a paisagem (o correr das águas do rio). Dardel registra esse sentido associado às águas quando afirma que ‘a batida regular das vagas, o balanço muito lento das marés, o escoamento das águas correntes temporalizam o mundo e fazem aparecer o tempo como matéria da existência’. (Dardel, 2011, p. 22). (Lima, 2012, p. 37-38).

A partir de então, Dardel tinha entrado definitivamente em nossas vidas de críticos literários. O que se verificou também no biênio seguinte, entre 2011-2013, quando submeti ao CNPq o projeto de pesquisa “A experiência do exílio na literatura contemporânea de língua portuguesa: a perspectiva do sujeito no espaço e na memória”, tendo obtido uma bolsa PIBIC e outra voluntária. O diferencial desse projeto foi a inclusão dos fenômenos do exílio e da memória, vistos como elementos fundamentais no que se refere à experiência do espaço vivido. Serviram de corpus de análise as obras “Poema sujo” (1976), de Ferreira Gullar; “O Senhor Ventura” (1943), de Miguel Torga; “O planalto e a estepe” (2009), do angolano Pepetela e o conjunto de poemas “Peregrinatio ad loca infecta” (1969), de Jorge de Sena.

Logo, além do referencial teórico concernente à Geografia Humanista Cultural, adotamos teóricos que trouxeram à baila tanto o exílio quanto a memória, a exemplo de Edward Said, com suas “Reflexões sobre o exílio” (2003), Maurice Halbwachs, com “A memória coletiva” (2006) e Michel Pollak, com o texto “Memória e identidade social”, de 1988, publicado em “Estudos Históricos”, de 1992. A partir do pensamento de Said para quem o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (SAID, 2003, p. 46), foram abordados os conceitos de topofilia e topofobia.

No tocante à perspectiva do sujeito no âmbito da memória, os conceitos de memória individual e memória coletiva de Halbwachs foram essenciais naquilo que mais diretamente se associava com o fenômeno do exílio. Sob o ponto de vista de Halbwachs, “a representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (Halbwachs, 2006, p. 61), o que pôde ser constatado quando da análise do romance “O planalto e a estepe”, de Pepetela, em virtude de a memória de Júlio Pereira, protagonista da história, deixar de ser

a representação da memória individual, dada a sua condição de negro africano, para antes se configurar enquanto memória coletiva que o personagem carrega consigo e que o impede de se relacionar amorosamente com Sarangerel, uma mulher branca da Mongólia, filha de um político poderoso e influente.

Posso afirmar com convicção que a interface Literatura e Geografia rompeu as fronteiras da Universidade Federal do Maranhão quando alçou voos maiores com a defesa da dissertação de Mestrado desse meu bolsista CNPq, banca da qual participei com muita admiração pelo trabalho realizado. Após ter concluído a monografia de conclusão de curso sobre a obra “*Peregrinatio ad loca infecta*”, do português Jorge de Sena, Alessandro Barnabé Ferreira dos Santos foi aprovado na Universidade de São Paulo com um projeto derivado de sua monografia, dedicando-se ao estudo desse livro seniano à luz dos fenômenos do espaço e do exílio, tendo como aporte teórico a Geografia Humanista Cultural. Os meus objetivos estavam se concretizando, materializando-se em meus alunos.

Outros projetos nos anos que se seguiram procuraram, além da fundamentação teórica sustentada no aporte epistemológico da Geografia Humanista Cultural, canalizar a atenção para outras possíveis relações que promovessem o diálogo mais ampliado com questões contemporâneas, como as relações de gênero. Nasceu, assim, o projeto “Espaço e memória em cena: um olhar sobre a ficção moderna e contemporânea de língua portuguesa de autoria feminina”, com ênfase na produção ficcional de autoria feminina, a exemplo dos romances “*A cidade sitiada*” (1949), de Clarice Lispector; “*A Casa*” (2004), de Natércia Campos e “*A casa da cabeça de cavalo*” (1995), de Teolinda Gersão.

Cabe destacar no tocante a esse projeto a incrível descoberta do livro “*A Casa*”, de Natércia Campos – uma autora cearense, conhecidíssima em sua terra e praticamente desconhecida no restante do país. Indicada várias vezes para compor a relação de obras de leitura obrigatória nos vestibulares do Ceará, *A Casa* detém a singularidade do foco narrativo, na medida em que é a própria Casa que narra os acontecimentos de sua história passada e de sua história presente, além de todos os conflitos humanos sob seu teto. A grafia em letra maiúscula justifica, portanto, a condição de personagem desse que “é o primeiro mundo do ser humano”. (Bachelard, 2008, p. 26). *A Casa* de Natércia “abriga o devaneio, protege o sonhador, permite sonhar em paz”. (Bachelard, 2008, p. 26). Num dos trechos mais poéticos do romance, a narradora assim confessa:

Minha memória não se assemelha à dos homens; não fez como os fios em novelo que se desenrolam do princípio ao fim, e sim, a lã cardada que se enovela nas rocas e fusos de mão a se romper, vez por outra, nos torcidos da caneleira do tear perdendo o fio da meada. (Campos, 2004, p. 25).

Afora as relações de gênero, acresci ao meu aporte teórico o fenômeno da religiosidade naquilo que mais diretamente seria tangível no diálogo com o espaço. Decidi por abraçar a leitura do sagrado desenvolvida por estudiosos da Geografia Cultural, notadamente Zeny Rosendahl, para quem a dimensão espacial do sagrado ratifica “a espacialidade como foco principal com a qual o geógrafo analisa a sociedade e sua dinâmica”. (Rosendahl, 2012, p. 74). “O sagrado”, segundo a geógrafa, “como manifestação cultural, afirma-se no lugar, no espaço, no território, na paisagem e na região”. (Rosendahl, 2012, p. 94). É o que procurei identificar no projeto intitulado “Trilhas pelos lugares do sagrado: um estudo do espaço e da religiosidade na literatura portuguesa contemporânea”, mais precisamente nas obras “*Contos exemplares*” (1962), de Sophia de Mello Breyner Andresen; “*Um deus passeando pela brisa da tarde*” (1994), de Mário de Carvalho; “*O nosso reino*” (2004), de Valter Hugo Mãe e “*Caim*” (2009), de José Saramago.

O objetivo desse projeto foi estabelecer um paralelo entre a literatura, a paisagem e a religião, tendo em vista a possibilidade de que as obras selecionadas promovessem o diálogo interdisciplinar de modo a compor um tripé, em que cada elemento constituísse uma peça fundamental para a composição estética criada pelo autor. Para além da perspectiva veiculada pelo veio da espacialidade sob o ponto de vista da Geografia Humanista Cultural, o que esta pesquisa vislumbrou foi a articulação teórica e analítica com o fenômeno da

religião enquanto aspecto cultural e dialético de inegável importância para a literatura dos autores portugueses escolhidos. Interessou-me de que modo a literatura reflete as marcas da fé no espaço geográfico e simbólico vivido pelos personagens, em cujas tramas é possível tecer a dialética entre espaço e religião. Dentre o conjunto de temas que figuram nesse âmbito, no contexto da Geografia Cultural, encontra-se a fé, espaço e tempo-difusão e área de abrangência; centro de convergência e irradiação; religião, território e territorialidade; e lugar sagrado-vivência, percepção e simbolismo.

Das obras selecionadas destaca-se o romance de Mário de Carvalho, “Um deus passeando pela brisa da tarde”, ambientado no império de Marco Aurélio, na Lusitânia do século II, numa cidade fictícia de nome Tarcísis. O narrador e personagem principal, Lúcio Valério Quíncio, magistrado romano, debate-se com duas grandes ameaças: de um lado, externamente, a invasão dos mouros; de outro, internamente, no coração do povo, o crescimento de uma seita cujos adeptos adotam por símbolo o peixe – o Cristianismo, numa versão ainda embrionária do que viria a se transformar esse grande ramo religioso do mundo ocidental. A dialética, portanto, entre espaço e religião nessa obra atinge as raias da impotência, dada a tentativa vã de Lúcio de manter a ordem e garantir a presença da seita, cultuada, de modo fanático, por Iunia Cantaber, por quem se apaixona. Banido de Tarcísis, em função do seu distanciamento do modelo romano de vida e de valores, Lúcio Valério, refugiado na *villa* com a esposa Mara, resolve tecer pela escrita suas memórias desse tempo após a visita de outro magistrado de Tarcísis, Proserpino.

Na reflexão de Carla Carvalho Alves a respeito desse romance:

O próprio período histórico abordado, segundo século da Era Cristã, apresenta, a partir de uma perspectiva arguta, presente à elaboração narrativa, uma amostragem interessante de padrões políticos, religiosos, filosóficos e sociais. A imbricação entre paganismo greco-romano, cristianismo, tragicidade e estoicismo, coloca em pauta complexas dicotomias como: indivíduo e coletividade, o homem e a ordem, *nómos* (lei) e *physis* (natureza), civilização e barbárie. (Alves, 2012, p. 234).

Esse mais novo tripé de abordagem tem promovido muitos debates e discussões no Grupo de Estudos de Paisagem na Literatura (GEPLIT), cadastrado no CNPq e criado por mim em 2016, que reúne alunos de graduação em Letras, de Iniciação Científica, pós-graduação e egressos, interessados em trazer para o palco a Literatura sob a lente da Geografia Humanista Cultural. Uma das mais recentes discussões travadas pelo Grupo diz respeito ao romance “A madona de cedro”, do brasileiro Antônio Callado, publicado em 1957.

Da leitura cuidadosa e da análise aprofundada da obra emergiram possíveis relações entre o lugar do sagrado e a prática religiosa do Catolicismo, imersa no simbolismo das imagens icônicas de santos e na figura emblemática de Jesus Cristo. A imbricação entre os conceitos de topofilia, espaço, lugar, espacialidade e apinhamento com a presença da sacralidade permitiu ao Grupo a reflexão crítica necessária para a configuração da interdisciplinaridade, inerente às atividades que ora abraçamos.

Afora os projetos de pesquisa arrolados, cabe considerar o relevante e surpreendente aumento do interesse dos alunos de graduação e de pós-graduação no diálogo da Literatura com a Geografia. Não somente no que diz respeito à participação efetiva no GEPLIT, mas na própria produção acadêmica por meio das monografias de conclusão de curso, os conhecidos TCCs, e as dissertações de Mestrado, tanto do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (PGCult), quanto do Programa de Mestrado em Letras (PGLetras), além de artigos científicos, elaborados com o intuito de serem publicados em revistas especializadas.

É claro que tenho papel fundamental nesse processo. Afinal, decidi “marcar meu território” assim que me credenciei no Mestrado Interdisciplinar e, mais tarde, no Mestrado em Letras. Nesse Mestrado em particular, a resistência foi maior, dada a formação disciplinar do corpo docente e a expectativa dos mestrandos, com foco na pesquisa em Literatura. Foi necessário provar o quanto o Mestrado em Letras ganharia projeção com pesquisas que se voltassem para a interface com a fenomenologia sustentada pela Geografia Humanista

Cultural. Uma grande barreira se interpôs, mas o fruto dessa resistência não poderia ter sido melhor: a dissertação “Figuração da paisagem: percepção da geograficidade em “Vidas secas” e “Os flagelados do vento leste”, do aluno Luís Oliveira Freitas, defendida em 2017. Nela, o autor compara os romances do brasileiro Graciliano Ramos e do cabo-verdiano Manuel Lopes naquilo que mais os aproxima: o fenômeno desolador da seca e todas suas implicações sócio-políticas.

À luz, portanto, do conceito de “geograficidade” cunhado por Dardel, Luís Oliveira Freitas teceu seus objetivos quando da escolha das duas obras, sendo o principal o estudo do fenômeno experienciado, que “perscruta a essência do pensamento e do sentimento do homem diante do mundo em que habita”. (Freitas, 2017, p. 14). Uma das características singulares desse trabalho foi não limitar o estudo do espaço à perspectiva concreta e geométrica, o que seria relativamente óbvio em duas obras regionalistas contextualizadas na seca; antes levar em consideração, sobretudo, o seu caráter estético-literário:

[...] quando o artista constrói o espaço ficcional, não tem como principal preocupação a recuperação de todas as formas físicas que compõem aquele mundo retratado, antes retira de seu entorno alguns elementos materiais importantes, para, assim, reinventar a realidade, ou seja, compor algo novo e de caráter estético. Ao proceder dessa forma, o autor ultrapassa a mera aparência da natureza e revela aspectos e traços essenciais da vida humana e social. (Freitas, 2017, p. 13).

Anos antes, já em 2012, no Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, surgia a primeira dissertação com enfoque em tal interface, intitulada “O lugar da literatura: um estudo sobre identidade, espaço e ficcionalidade em três romances de Mia Couto”, de Cláudia Leticia Gonçalves Moraes, quando foram comparados romances de Mia Couto sob o olhar convergente da identidade com o espaço, tendo em vista o pano de fundo da ficcionalidade. Enquanto dissertação embriã, consistiu num trabalho arrojado, dados os primeiros passos trilhados em torno da proposta fenomenológica da Geografia.

Mais tarde, outras dissertações seriam dadas a lume, como a de Flávia Alexandra Pereira Pinto, com o título “Espaço e identidade: a percepção da paisagem na produção literária de José Saramago”; a de Janete de Jesus Serra Costa, intitulada “‘Era uma vez um lugar...’: um estudo da representação da espacialidade na literatura infanto-juvenil clássica e contemporânea” e “A geograficidade em “Cem anos de solidão”: um estudo do espaço maravilhoso em Gabriel García Márquez”, de Milena Coelho Lima. Em função da grande repercussão da pesquisa empreendida, a dissertação de Janete de Jesus Serra Costa foi publicada, o que possibilitou descortinar um novo horizonte de estudos na área de Letras e, em especial, da Literatura Infanto-Juvenil. O mais curioso é constatar que tais dissertações arroladas são de autoria de graduadas em Letras que se dispuseram a cursar um Mestrado Interdisciplinar onde fosse viável transitar por áreas de conhecimentos afins. O resultado não poderia ter sido mais frutífero.

No campo ainda da produção acadêmica, vale salientar a produção intelectual circunscrita aos artigos científicos, a exemplo da notícia de pesquisa publicada na Revista do Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar – NUPEM, V. 4, n. 6, 2012, em parceria com as ex-orientandas do PGCult, Cláudia Leticia Gonçalves Moraes e Janete de Jesus Serra Costa, com o título “O entrelaçamento de fios entre a Geografia e a Literatura: a construção de um saber múltiplo”. A ênfase dada a esse texto se dirigiu ao diálogo entre campos afins do conhecimento e, particularmente, às atividades de pesquisa desenvolvidas pelas autoras no que diz respeito às relações que o homem cria com seu entorno, com destaque para aspectos como afetividade, sentimento de pertença, intersubjetividade, imaginação e memória. Nortearam esse texto “A poética do espaço” (1957), de Gaston Bachelard; “A fenomenologia da percepção” (1945), de Maurice Merleau-Ponty e as duas obras clássicas de Tuan: “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (1980) e “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” (1983).

O artigo procurou explicitar que o universo da representação literária a partir da cosmovisão geográfica considerou a relação dos indivíduos com os lugares de predileção e de

repulsa. A título de ilustração, reportamo-nos ao romance “Terra sonâmbula”, do moçambicano Mia Couto, publicado em 1992, em que se percebe a importância fundamental da dimensão do espaço, recriado e revisto ao sabor das modificações internas de seus personagens principais. A paisagem de Moçambique, na verdade, sofre influência das intempéries do tempo, dos novos contornos da guerra civil, da seca que assola o país, das novas tintas que pintam a vida do futuro.

Outro artigo publicado, esse individualmente, e que me proporcionou grande satisfação foi “Paisagem e opressão em *Seara de vento*: uma leitura do aprendizado da experiência”, dado a lume na Revista “Estudos Portugueses”, Recife, n. 9, jan-jun, 2013. De autoria do escritor neorrealista português Manuel da Fonseca, “Seara de vento”, de 1958, suscitou-me, do ponto de vista da categoria espaço, um olhar diferenciado para o fenômeno do vento, visto exercer ação incisiva sobre a diegese e, em particular, sobre os personagens. A ventania que varre a narrativa adquire ares de humanidade, à medida que personifica ações que incitam os personagens a reagirem, como é o caso de Amanda Carrusca, mãe de Júlia e sogra do Palma, todos personagens que representam a classe dominada dos camponeses em contraposição à classe dominante representada pelo clã de Elias Sobral. Seara de vento nada mais é do que o campo cultivado pela ação do vento que incita a revolta contra o poder instituído que coíbe a união da coletividade. À luz da dicotomia “espaço x lugar”, a classe personificada pela família dos Palma não detém a dinamicidade e a liberdade que caracterizam o domínio do espaço, ocupando, em decorrência, o lugar estático da planície deserta, destituída de quaisquer condições reais e possíveis de existência, vindo a sucumbir ante a falta de experiência.

Além de “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência”, de Tuan, serviu-me de aporte teórico o livro “O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas” (2002), do geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro; o capítulo “O conhecimento e a experiência como condição fundamental para a percepção da paisagem”, do meu marido geógrafo Antonio Cordeiro Feitosa, publicado no livro “Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos” (2010), organizado por mim e pela Profa. Ida Alves, da Universidade Federal Fluminense, bem como o ensaio de Maria Elena Ortiz, com o título “*Seara de vento*, estrutura e sentido”, publicado na Revista “Colóquio/Letras”, em março de 1982.

Dentre as produções acadêmicas em nível de artigo científico, destaco “A paisagem cultural em João Cabral de Melo Neto: as vivências do Capibaribe”, produzido em parceria com a ex-bolsista de Iniciação Científica, Renata Ribeiro Lima, e publicado na Revista “Linha d’água”, v. 26, n.1, 2013. A análise de “O cão sem plumas”, de João Cabral promoveu, nomeadamente, a interlocução com a fenomenologia de “A poética do espaço”, de Bachelard, na medida em que se buscou encontrar ressonância no poema das concepções de lugar, mundo vivido e imaginação ativa. Semelhante estudo imprimiu ao poema grande singularidade a ponto de chegarmos a considerar João Cabral um poeta “essencialmente” geográfico, seja pela predominância e pelo peso das imagens paisagísticas no poema, seja pela sua dimensão ontológica.

Acabamos por nos nutrir, além de “A poética do espaço”, de Bachelard e dos textos já consagrados de Tuan, dos livros “O ser e o tempo da poesia” (1977), de Alfredo Bosi e “João Cabral em perspectiva” (1995), organizado por Maria do Carmo Campos et al. É digno destacar que tanto esse artigo quanto aquele produzido para a “Revista NUPEM” foram citados na Tese de Doutorado de José Elias Pinheiro Neto, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 2017, sob a orientação do Prof. Júlio César Suzuki, o que demonstra o quanto nossa produção tem repercutido no âmbito acadêmico.

Outro artigo de interesse, nascido após o término de uma disciplina ministrada no Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, foi “Pausa e movimento em *Dois irmãos*: uma leitura da percepção da espacialidade em Milton Hatoum”, em coautoria com as ex-orientandas Samara Santos Araújo e Milena Coelho Lima e publicado na Revista semestral *Ipotesi*, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, no seu v. 18, n. 2, jul./dez., 2014.

Embora o artigo tenha considerado os conceitos tradicionais veiculados pela Geografia Humanista Cultural, como a clássica oposição espaço x lugar, procurou abranger o conceito de lugar-sem-lugaridade, cunhado por Edward Relph, contemporâneo de Tuan. Graças, portanto, ao texto “Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar”, publicado por Relph no livro “Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia” (2012), organizado por Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer e Livia de Oliveira, foi possível garantir uma reflexão mais acurada dos espaços e lugares frequentados pelos irmãos gêmeos Omar e Yakub, de modo a compor o universo de pertencimento ou não.

O conceito de “lugar-sem-lugaridade” não seria uma oposição binária a lugar, mas uma gradação dos aspectos de lugaridade. Segundo Relph, “qualquer parte, não importa o quão uniforme possa ser, tem alguns elementos de lugar. Não importa quão forte seja o espírito do lugar, este possuirá alguns aspectos de ausência de lugaridade compartilhados com outros lugares”. (Relph, 2012, p. 25). Dentre os personagens analisados, semelhante relação com o lugar foi identificada particularmente em Yakub, tendo em vista sua complexidade psicológica e comportamental no tocante aos espaços de ocupação: seu exílio forçado numa aldeia libanesa, o retorno à Manaus destituída do aconchego uterino e a adoção de São Paulo como o berço de acolhimento.

Dois outros artigos de interesse foram produzidos em coautoria com a mestrandia Rosângela Guedêlha da Silva, do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult), dedicados ao estudo da lugaridade na sua relação mais estreita com o fenômeno da velhice, sobretudo da mulher idosa. No artigo “O lugar líquido: a desmistificação da concepção de lar em ‘Vizinhas’, de Teolinda Gersão”, publicado em 2018, no n. 34 de Revista Contexto da UFES, em seu Dossiê: Literaturas de Autoras de Língua Portuguesa, a abordagem converge para o estudo do lar enquanto lugaridade e a sua transformação em “lugar líquido”, à luz do conceito de “modernidade líquida”, de Zygmunt Bauman, haja vista a complexidade das relações no mundo contemporâneo.

Já o artigo “O exílio interior em Teolinda Gersão: a experiência de lugar existencial na velhice”, publicado em 2019, no n. 31 da Revista Signótica da UFG, dedicou-se à análise da experiência de lugar em um dos contos do livro “Prantos, amores e outros desvarios”, publicado pela escritora portuguesa em 2016. O foco continua sendo o lugar vivido na velhice, mas com um viés importante para o exílio interior, compreendido como atitude de resistência ante a condição dos idosos no século XXI. Além do aporte teórico em Tuan, o artigo buscou referências em Paul Ilie, em seu livro “Literature and inner exile”, e em Simone de Beauvoir, no renomado livro “A velhice”, no tocante ao fenômeno do envelhecimento.

No que concerne à produção intelectual na forma de capítulos, vários foram aqueles sobre os quais debrucei meu interesse na interlocução com a Geografia. Destaco, todavia, o capítulo “Diálogos fronteiriços: uma leitura de Mário de Carvalho à luz da Geografia Humanista Cultural”, publicado no livro “Diálogos (trans) fronteiriços: patrimônios, territórios, culturas”, em 2016, pelo Centro de Estudos Ibéricos, e organizado pelos Profs. Rui Jacinto e Valentín Cabero Diéguez. Nele, meu objetivo foi promover o diálogo interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia no que se refere a sua vertente humanista de base fenomenológica. Realizei, para tanto, um percurso histórico-metodológico da Geografia Humanista Cultural até culminar com uma breve análise da novela “O varandim”, do escritor português Mário de Carvalho, objeto de meu estudo no Pós-Doutorado em Estudos Comparatistas na Universidade de Lisboa.

O mais curioso foi ter me colocado à disposição para escrever sobre o percurso histórico-metodológico da Geografia Humanista Cultural para a Coleção Iberografias, n. 31, coordenada por geógrafos que anualmente realizam o Curso de Verão na cidade de Guarda, em Portugal, com vistas não só ao diálogo interdisciplinar, “mas, também, entre territórios, pessoas e instituições, d’aquele e d’além fronteiras, das mais próximas às mais longínquas, passando por iniciativas cujo objetivo é esbater e superar divisões que se erguem, artificialmente, um pouco por todo lado.” (Jacinto; Diéguez, 2016, p. 6).

Definitivamente, com esse trabalho, me senti mergulhada na Geografia, apenas com a cabeça fora d'água a respirar a Literatura.

## Aproximação entre arte e ciência

*“No início, viajamos porque líamos e escutávamos, deambulando em barcos de papel, em asas feitas de antigas vozes. Hoje viajamos para sermos escritos, para sermos palavras de um texto maior que é a nossa própria Vida.”*

Mia Couto

Nesses quatorze anos em que tenho procurado aproximar a Literatura da Geografia, muito tenho aprendido com Tuan naquilo que implica a natureza da experiência. A capacidade de aprender com a própria vivência tem me motivado a agir sobre o dado e a criar a partir dele. Como afirma Tuan, “o dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento”. (Tuan, 2013, p. 18). Tenho, assim, me aventurado muitas vezes no desconhecido para dele extrair o aprendizado. Ao constituir a minha experiência com a Geografia Humanista Cultural ao longo de todos esses anos, um misto de sentimento e pensamento tem provocado um novo olhar sobre a minha mais antiga paixão: a literatura.

Do deslumbramento pela linguagem polissêmica e esteticamente elaborada de onde emerge a condição humana na sua relação com o mundo para a noção de localização espacial configurada no lugar sob a lente da fenomenologia foram muitos os degraus a serem galgados e muitos os riscos a serem transpostos. Fui compelida pela perspicácia da Profa. Lívia de Oliveira a esse grande desafio e tenho certeza de que muito ainda há o que aprender, de vivenciar na fronteira interdisciplinar com a Geografia.

O encontro para muitos inusitado entre a arte e a ciência tem motivado o interesse mútuo, haja vista a troca constante de experiências entre os críticos literários e os geógrafos humanistas, uma certa “cumplicidade” que, como pontua Rui Jacinto, “situa-se na encruzilhada de olhares complementares que geógrafos e escritores lançam sobre territórios, gentes e paisagens, materiais e intangíveis, onde os ficcionistas se inspiram e os geógrafos realizam as suas investigações”. (Jacinto, 2016, p. 316). Uma cumplicidade que não é sinônimo de nivelamento. Pelo contrário. Uma cumplicidade que não apaga as especificidades e as limitações, as diferentes visões de mundo. Antes “é um caminho para ajudar na construção de uma maior permeabilidade e aproximação de saberes”. (Oliveira; Marandola Jr., 2010, p. 135).

É o que venho tentando construir entre projetos de pesquisa, orientações e produção intelectual: uma verdadeira aproximação de saberes, permeada por outros tantos fenômenos que povoam a complexidade do mundo contemporâneo, a exemplo da memória, do exílio, da religiosidade e das relações de gênero. Muitos outros fenômenos farão ouvir sua voz. À literatura compete garantir a sua força de representação.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchhi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. 5ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. 1ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

- BUESCU, Helena Carvalhão. Paisagem literária: imanência, transcendência. **Colóquio/Letras**, n. 179, jan./abr. 2012.
- CAMPOS, Natércia. **A Casa**. Fortaleza: Editora da UFC, 2004.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?: e outras intervenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 1ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios)
- FREITAS, Luís Oliveira. **Figuração da paisagem: percepção da geograficidade em *Vidas secas* e *Os flagelados do vento leste***. Dissertação de Mestrado em Letras. São Luís-MA: Universidade Federal do Maranhão, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- ILIE, Paul. **Literature and inner exile**. Authoritarian Spain, 1939-1975 Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1980.
- JACINTO, Rui. A ausência e suas geografias: “Não se deve deixar que o lugar envelheça”. In: JACINTO, Rui; DIÉGUEZ, Valentin Cabero (orgs.). **Diálogos (trans)fronteiriços: patrimónios, territórios, culturas**. Coleção Iberografias (31). Lisboa: Âncora Editora, 2016.
- JACINTO, Rui; DIÉGUEZ, Valentin Cabero (orgs.). **Diálogos (trans)fronteiriços: patrimónios, territórios, culturas**. Coleção Iberografias (31). Lisboa: Âncora Editora, 2016.
- LIMA, Renata Ribeiro. **O Cancioneiro, de Fernando Pessoa: uma leitura dos elementos água e ar à luz da teoria da percepção do espaço**. Monografia de Conclusão do Curso de Letras. São Luís-MA: Universidade Federal do Maranhão, 2012.
- OLIVEIRA, Livia de; MARANDOLA JR., Eduardo. Caminhos geográficos para a literatura. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Org.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói, RJ: EDUFF, 2010.
- ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre-RS: L&PM, 2009.
- PESSOA, Fernando. **Páginas estéticas e de teoria e crítica literárias**. Lisboa: Edições Ática, s.d.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Maria de Fátima; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro (orgs.). **Ensaio sobre Mário de Carvalho**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina- PR: EDUEL, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina-PR: EDUEL, 2013.